

## OCORRÊNCIA DA ANEMIA INFECCIOSA EQUINA NO BRASIL (2014-2019)

**Raphael Bernardo da Silva Neto<sup>1</sup>; Larissa Maria Brandão Oliveira<sup>1</sup>; Viviane Correa Silva Coimbra<sup>1</sup> Simone Pereira Barbosa Lima<sup>1</sup>, Arnon Cunha Reis<sup>1</sup>, Izaias Polary Bezerra<sup>1</sup>, Flávia Karina Lima Anceles Goulart<sup>1</sup>, Leana Bruna Salomão de Brito<sup>1</sup>, Odinéa Alves Ferraz Souza Rodrigues<sup>1</sup>, Raimunda Deusilene Barreira Porto<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Programa de Pós-graduação em Defesa Sanitária Animal, Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís, Maranhão.

**DOI: 10.47094/HICNNESP.2021/113**

### RESUMO

Também conhecida como febre dos pântanos, a Anemia Infecciosa Equina (AIE) afeta equinos, mulas e burros em diversos países. A doença é transmitida de forma mecânica por insetos hematófagos, de forma iatrogênica ou através de contato direto com o sangue de animais portadores. Foi realizado estudo descritivo dos casos notificados de AIE no Brasil, entre 2014-2019, utilizando-se a contagem efetiva do rebanho nacional dividido regionalmente. Neste período foram notificados 38.553 casos de AIE em todas as regiões no país, a média da prevalência no período descrito foi de 11,3 casos a cada 10 mil animais. Apesar da redução da prevalência nos últimos anos a Anemia Infecciosa Equina continua sendo a doença infectocontagiosa mais importante para equídeos por ser persistente e não possuir tratamento, sua disseminação causa prejuízos para toda a cadeia produtiva do cavalo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Equinos. Sanidade Animal. Vigilância.

**ÁREA TEMÁTICA:** Epidemiologia.

### INTRODUÇÃO

A Anemia Infecciosa Equina (AIE) é uma doença crônica, de distribuição mundial, cujo agente etiológico é o *Equine infectious anemia virus* (EIAV), que acomete animais da família Equidae (WANG et al., 2016). A doença foi documentada pela primeira vez na França em 1843 por Ligneé e desde então tem sido encontrada em quase todo o mundo, sendo uma doença de notificação compulsória de acordo com a Organização Mundial de Saúde Animal (OIE, 2013).

No Brasil, a prevalência da doença é descrita em diversas regiões, apresentando frequência heterogênea. Em face os prejuízos que a enfermidade causa na cadeia da equideocultura nacional, o Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) lançou o Programa Nacional de Sanidade dos Equídeos (PNSE), cujo objetivo é a regulamentação das técnicas diagnósticas e o controle da AIE e do Mormo.

Não existe tratamento e todos os animais positivos devem necessariamente ser eutanasiados (RIET-CORREA et al., 2007). Diversos trabalhos vêm sendo realizados ao longo do tempo para avaliar a evolução da doença no Brasil, apesar de ser endêmica na maior parte do país com altos índices de prevalência principalmente nas regiões norte e nordeste. Este estudo tem como objetivo descrever a prevalência da AIE nas diferentes regiões do Brasil e trazer um panorama atualizado da situação epidemiológica da enfermidade.

## METODOLOGIA

Estudo descritivo dos casos notificados de AIE entre 2014-2019 no Brasil. Buscou-se avaliar a sua prevalência no rebanho nacional. Os dados foram extraídos diretamente do portal da Coordenação de Informação e Epidemiologia do MAPA e da Pesquisa da Pecuária Municipal no portal Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA) e são de domínio público. Considerando ampliar a visão da análise, os dados quantitativos foram organizados entre as cinco regiões do país. Para o cálculo de prevalência dividiu-se os casos ocorridos em cada uma das cinco regiões do país divididos pela população estimada do mesmo ano; a prevalência foi estimada para grupos de dez mil animais.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

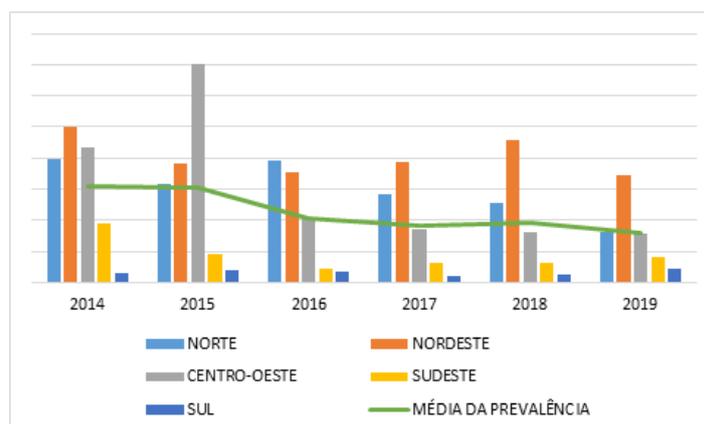
Foram notificados 38.553 casos de AIE entre no período avaliado, distribuídos em todas as regiões no país (Tabela 01), a média da prevalência no período descrito foi de 11,3 casos a cada 10 mil animais, observando a Figura 01 nota-se a tendência de queda nas notificações em todas as regiões. Os dados encontrados corroboram com os descritos por Guiraud et al. (2017), que encontraram uma soropositividade média de 1,15% em 2014 e 1,01% em 2015, no estado de Rondônia, confirmando a queda de notificações e a importância do sacrifício dos animais para o controle da doença, visto que esses tornam-se portadores e contribuem para a disseminação da AIE nos plantéis. Chaves et al. (2015) pesquisando a soroprevalência em cavalos da Baixada maranhense encontraram 19,51% de animais positivos confirmando o grande impacto sobre os equídeos no Brasil

**Tabela 1.** Casos notificados de anemia infecciosa equina entre os anos 2014-2019 no Brasil.

Região	Casos notificados de AIE no Brasil por região						
	2014	2015	2016	2017	2018	2019	TOTAL
Norte	1732	1351	1752	1244	1243	820	8142
Nordeste	3118	2416	2285	2547	3079	2311	15756
Centro-oeste	2273	4058	1147	886	927	951	10242
Sudeste	1259	581	284	412	432	535	3503
Sul	136	178	160	100	121	195	890
TOTAL	8518	8584	5628	5189	5802	4812	<b>38533</b>

Fonte: Adaptado de Indicadores da Agricultura, 2021

**Figura 01:** Prevalência de casos notificados de AIE no Brasil entre os anos de 2014-2019.



Fonte: Adaptado de Indicadores da Agricultura, 2021

Com os índices mais elevados da doença no país a região Nordeste vem reduzindo seus índices, porém ainda em ritmo abaixo do registrado em regiões como a Centro-Oeste e Norte, seja por questões culturais ou de infraestrutura para a fiscalização sanitária. Em algumas regiões do país, a abordagem da doença é feita para adequar-se à realidade do ambiente, a exemplo do Pantanal mato-grossense a doença possui altos índices de prevalência. Nogueira et al. (2018) relatam 38,6% de positividade entre os equídeos no Pantanal, e ressaltam que além da perda econômica, a estigmatização dos equídeos é um grande problema, especialmente para a valoração da raça Pantaneiro.

Em regiões com maior controle da enfermidade, como o Distrito Federal, a prevalência da AIE em equídeos é baixa, cerca de 1,81% (IC 95%: 0,55-3,07%), porém mais alta do que os dados de vigilância de rotina, ratificando a importância da realização de exames periódicos nesses animais e a manutenção das atividades de vigilância para seguir com o controle e futura erradicação da doença em regiões de baixa prevalência (MORAES et al., 2017).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados mostram que a anemia infecciosa equina tem ampla distribuição no Brasil. Apesar da redução da prevalência nos últimos anos a Anemia Infecciosa Equina continua sendo a doença infectocontagiosa mais importante para equídeos por ser persistente e não possuir tratamento, sua disseminação causa prejuízos para toda a cadeia produtiva. Recomenda-se a realização de mais estudos para monitoramento dessa tendência e identificação de caminhos para expandir o PNSE e aprimora-lo, para assim avançar mais rapidamente para o controle da doença.

## PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

CHAVES, D.P., Soroprevalência de mormo, anemia infecciosa equina e brucelose do cavalo baixadeiro. R. bras. Ci. Vet., v. 22, n. 1, p. 39-42, jan./mar. 2015. Disponível em: [https://periodicos.uff.br/rbcv/article/view/7324/pdf\\_1](https://periodicos.uff.br/rbcv/article/view/7324/pdf_1). Acesso em: 20 de maio de 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.4322/rbcv.2015.317>

GUIRAUD, A. C. C. et al., SEROEPIDEMIOLOGICAL SURVEY OF EQUINE INFECTIOUS ANEMIA IN RONDONIA STATE, BRAZIL. ARS VETERINARIA, Jaboticabal, SP, v.33, n.1, 031-036, 2017. ISSN 2175-0106, M. A. A. BELO2,3 Disponível em: <http://www.arsveterinaria.org.br/ars/article/view/1087/1091>. Acesso em: 23 de maio de 2021.

MORAES D. D.A. et al., Situação epidemiológica da anemia infecciosa equina em equídeos de tração do Distrito Federal. Pesq. Vet. Bras. 37 (10) • Out 2017 • Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pvb/a/pNYkqjhHNTvWGv8CcTvQkRC/?lang=pt> Acesso em: 20 de maio de 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-736X2017001000006>

NOGUEIRA, M.F. et al., Anemia infecciosa equina no Pantanal Sul-Mato-Grossense: soroprevalência e avaliação da adoção de um programa de controle. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2018. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1101245/1/DOC156AIEMarciaFFinal14dez.pdf> Acesso em 24 de maio de 2021.

RIET-CORREA, F. SCHILD, A. L.; LEMOS. R. A. A.; BORGES, J. R. J. Doenças de ruminantes e eqüídeos. 3. ed. Santa Maria: Pallotti, 2007.